



TI - PL

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV PARA O 60º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES

[**Multimídia**]

Protejam as vozes e os rostos das pessoas.

Caros irmãos e irmãs!

O rosto e a voz são características únicas e distintivas de cada pessoa — revelam sua identidade singular e são elementos constitutivos de todo encontro. Os antigos sabiam disso muito bem. Assim, para definir uma pessoa humana, os antigos gregos usavam a palavra "rosto" (*prosopon*), que etimologicamente indica o que é visível, um lugar de presença e relacionamento. O termo latino *persona* (de *person-sonare*), por outro lado, abrange o som — não qualquer som, mas a voz singular de uma pessoa específica.

O rosto e a voz são sagrados. Foram-nos dados por Deus, que nos criou à sua imagem e semelhança, chamando-nos à vida pela Palavra que ele mesmo nos falou; uma Palavra que primeiro ressoou através dos séculos nas vozes dos profetas e depois, na plenitude dos tempos, se fez carne. Esta Palavra — esta comunicação que Deus comunica sobre si mesmo — também pudemos ouvir e ver diretamente (cf. *1 Jo 1,1-3*), porque se revelou na voz e no rosto de Jesus, o Filho de Deus.

Desde o momento da criação, Deus desejou o homem como seu interlocutor e — como afirma São Gregório de Nissa [1] — imprimiu em seu rosto o reflexo do amor de Deus, para que ele pudesse experimentar plenamente sua humanidade através do amor. Preservar os rostos e as vozes humanas, portanto, significa preservar esse selo, esse reflexo indelével do amor de Deus. Não somos uma espécie composta de algoritmos bioquímicos predefinidos. Cada um de nós possui uma vocação insubstituível e única, que emana da vida e se revela precisamente na comunicação com os outros.

Se não seguirmos esse princípio, a tecnologia digital poderá alterar radicalmente alguns dos pilares fundamentais da civilização humana que, por vezes, consideramos garantidos. Ao simular vozes e rostos humanos, sabedoria e conhecimento, consciência e responsabilidade, empatia e amizade, os sistemas conhecidos como inteligência artificial não só intervêm nos ecossistemas de informação, como também penetram no nível mais profundo da comunicação: o das relações interpessoais.

O desafio, portanto, não é tecnológico, mas antropológico. Proteger nossos rostos e vozes significa, em última análise, proteger a nós mesmos. Abraçar as oportunidades oferecidas pela tecnologia digital e pela inteligência artificial com coragem, determinação e discernimento não significa esconder de nós mesmos os pontos críticos, as incertezas e as ameaças.

Não desista dos seus próprios pensamentos.

Há muito tempo existem amplas evidências de que algoritmos projetados para maximizar o engajamento nas redes sociais — o que é lucrativo para as plataformas — recompensam emoções imediatas, enquanto penalizam expressões mais demoradas da atividade humana, como o esforço de compreensão e reflexão. Ao aprisionar grupos de pessoas em bolhas de consenso fácil e indignação fácil, esses algoritmos minam a escuta e o pensamento crítico e aumentam a polarização social.

A isso se soma a confiança ingênua e acrítica na inteligência artificial como uma "amiga" onisciente, a fonte de todo o conhecimento, o arquivo de todas as memórias, o "oráculo" que oferece todos os conselhos. Tudo isso pode enfraquecer ainda mais nossa capacidade de pensar analiticamente e criativamente, de compreender o significado e de distinguir entre sintaxe e semântica.

Embora a inteligência artificial possa fornecer suporte e assistência no gerenciamento de tarefas de comunicação, evitar o esforço do nosso próprio pensamento e contentar-se com estatísticas artificiais pode, a longo prazo, enfraquecer nossas habilidades cognitivas, emocionais e de comunicação.

Nos últimos anos, os sistemas de inteligência artificial têm assumido cada vez mais o controle da produção de textos, músicas e filmes. Como resultado, uma parcela significativa da indústria criativa humana corre o risco de ser eliminada e substituída pelo rótulo " *Impulsionado por IA* ", transformando indivíduos em consumidores passivos de ideias mal concebidas e produtos anônimos, desprovidos de autoria e paixão. Enquanto isso, obras-primas do gênio humano na música, na arte e na literatura estão sendo reduzidas a meros campos de treinamento para máquinas.

A questão que reside em nosso âmago, contudo, não é o que uma máquina pode ou irá fazer, mas o que nós podemos e iremos fazer, crescendo em humanidade e conhecimento através do uso sábio das poderosas ferramentas à nossa disposição. Os seres humanos sempre foram tentados a apropriar-se dos frutos do conhecimento sem o esforço do comprometimento, da exploração e da responsabilidade pessoal. No entanto, abandonar o processo criativo e entregar nossas próprias funções mentais e imaginação às máquinas é enterrar os talentos que nos foram dados para crescer como pessoas em relacionamento com Deus e com os outros. Significa esconder nossos rostos e silenciar nossas vozes.

Ser ou fingir: simulando relacionamentos e realidade

Ao navegarmos por nossos feeds de informação, torna-se cada vez mais difícil entender se estamos interagindo com outras pessoas, *bots* ou *influenciadores virtuais*. As ações opacas desses agentes automatizados influenciam debates públicos e as escolhas individuais. Os *chatbots*, em particular, baseados em grandes modelos de linguagem (LLMs), estão se mostrando surpreendentemente eficazes na persuasão sutil, otimizando continuamente a interação personalizada. A estrutura dialógica, adaptativa e mimética desses modelos de linguagem pode imitar sentimentos humanos e, assim, simular um relacionamento. Essa antropomorfização, embora às vezes divertida, também é enganosa especialmente para os mais vulneráveis. Isso porque os *chatbots* — excessivamente "afetados" e sempre presentes e acessíveis — podem se tornar arquitetos ocultos de nossos estados emocionais, invadindo e ocupando, assim, as esferas de intimidade das pessoas.

A tecnologia que explora nossa necessidade de conexão pode ter consequências dolorosas não apenas para o bem-estar individual, mas também prejudicar o tecido social cultural e político das sociedades. Isso acontece quando substituímos relacionamentos com outras pessoas por relacionamentos com inteligência artificial, treinada para catalogar nossos pensamentos e construir um mundo de espelhos ao nosso redor, no qual tudo é criado "à nossa imagem e semelhança". Dessa forma, permitimos que nos roubem a oportunidade de encontrar outro ser humano, sempre diferente de nós, com quem podemos e devemos aprender a conviver. Sem a aceitação da diferença, não pode haver relacionamento nem amizade.

Outro grande desafio apresentado por esses novos sistemas é o viés cognitivo, que leva à aquisição e transmissão de percepções distorcidas da realidade. Os modelos de IA são moldados pelas visões de mundo daqueles que os criam e podem, por sua vez, impor formas de pensar, replicando estereótipos e preconceitos presentes nos dados dos quais se baseiam. A falta de transparência no design dos algoritmos, combinada com a representação social inadequada dos dados, nos deixa presos em redes que manipulam nossos pensamentos e perpetuam e exacerbam as desigualdades e injustiças sociais existentes.

Os riscos são enormes. O poder da simulação é tão grande que a inteligência artificial poderia nos enganar, criando "realidades" paralelas e usurpando nossos rostos e vozes. Estamos imersos em uma multidimensionalidade na qual é cada vez mais difícil distinguir a realidade da ficção.

A isso se soma o problema da imprecisão. Sistemas que apresentam a probabilidade estatística como conhecimento, na verdade, nos oferecem, na melhor das hipóteses, informações aproximadas, que às vezes chegam a ser verdadeiras "alucinações". A falta de verificação das fontes, combinada com a crise do jornalismo de campo, que exige coleta e verificação constantes de informações nos locais dos acontecimentos, pode criar um terreno ainda mais fértil para a desinformação, causando uma crescente sensação de desconfiança, confusão e incerteza.

Possível aliança

Por trás dessa vasta força invisível que nos domina a todos, está um punhado de empresas cujos fundadores foram recentemente revelados como os criadores da "pessoa do ano de 2025", os arquitetos da inteligência artificial. Isso levanta sérias preocupações sobre o controle oligopolista sobre sistemas algorítmicos e inteligência artificial, que podem direcionar sutilmente o comportamento e até mesmo reescrever a história da humanidade — incluindo a história da Igreja — muitas vezes de maneiras que não conseguimos perceber.

O desafio que temos pela frente não é o de deter a inovação digital, mas sim o de orientá-la, reconhecendo sua natureza ambivalente. Cada um de nós deve levantar a voz em defesa dos indivíduos, para que possamos realmente integrar essas ferramentas como aliadas.

Essa aliança é possível, mas deve ser baseada em três pilares: *responsabilidade*, *cooperação* e *educação*.

Acima de tudo, *responsabilidade*. Dependendo da função, ela pode assumir várias formas, como honestidade, transparência, coragem, visão de futuro, a obrigação de compartilhar conhecimento e o direito à informação. Em suma, ninguém pode se esquivar da sua própria responsabilidade pelo futuro que estamos construindo.

Para aqueles que estão à frente de plataformas online, isso significa garantir que suas estratégias de negócios não sejam impulsionadas apenas pela maximização do lucro, mas também por uma visão de longo prazo que leve em consideração o bem comum – assim como cada um deles se preocupa com o bem-estar de seus próprios filhos.

Os criadores e desenvolvedores de modelos de IA devem ser transparentes e socialmente responsáveis em relação aos princípios de design e aos sistemas de moderação que sustentam seus algoritmos e os modelos que desenvolvem, de forma a promover o consentimento informado dos usuários.

A mesma responsabilidade recai também sobre os legisladores e reguladores nacionais, cuja tarefa é assegurar o respeito pela dignidade humana. Regulamentações adequadas podem proteger os indivíduos do apego emocional aos *chatbots* e limitar a disseminação de conteúdo falso, manipulador ou enganoso, mantendo a integridade da informação e abordando a questão da simulação enganosa.

As empresas de mídia e comunicação, por sua vez, não podem permitir que algoritmos, empenhados em vencer a batalha por alguns segundos extras de atenção a qualquer custo, se sobreponham aos seus valores profissionais de busca pela verdade. A confiança pública é conquistada por meio da precisão e da transparência, não pela busca de interesses particulares. O conteúdo gerado ou manipulado por IA deve ser claramente identificado e diferenciado do conteúdo criado por indivíduos. A autoria e a propriedade intelectual das obras de jornalistas e outros criadores de conteúdo devem ser protegidas. A informação é um bem público. Um serviço público construtivo e significativo não se baseia na ambiguidade, mas na transparência das fontes, na inclusão das partes interessadas e em altos padrões de qualidade.

Todos somos chamados a *colaborar*. Nenhum setor isoladamente consegue enfrentar o desafio de impulsionar a inovação digital e *gerir* a IA. Portanto, é necessário estabelecer salvaguardas. Todas as partes interessadas — da indústria tecnológica aos decisores políticos, das empresas criativas à academia, dos artistas aos jornalistas e educadores — devem estar envolvidas na construção e implementação de uma cidadania digital informada e responsável.

É precisamente isso que *a educação* visa fazer: aumentar nossas habilidades pessoais de pensamento crítico, avaliar a credibilidade das fontes e os possíveis interesses por trás da seleção das informações que nos chegam, compreender os mecanismos psicológicos que elas desencadeiam e capacitar nossas famílias, comunidades e associações a desenvolver critérios práticos para uma cultura de comunicação mais saudável e responsável.

Portanto, torna-se cada vez mais urgente introduzir a alfabetização midiática, informacional e em inteligência artificial nos sistemas educacionais em todos os níveis, como algumas instituições civis já estão promovendo. Como católicos, podemos e devemos contribuir para garantir que as pessoas — especialmente os jovens — adquiram habilidades de pensamento crítico e cresçam em liberdade espiritual. Essa alfabetização também deve ser integrada a iniciativas mais amplas de aprendizagem ao longo da vida, abrangendo também os idosos e os membros marginalizados da sociedade, que muitas vezes se sentem excluídos e impotentes diante das rápidas mudanças tecnológicas.

A alfabetização em mídia, informação e IA ajudará a todos a evitar sucumbir à tendência antropomórfica desses sistemas, e sim a tratá-los como ferramentas, sempre confiando na verificação externa das fontes — que podem ser imprecisas ou errôneas — fornecidas pelos sistemas de IA, e protegendo sua privacidade e seus próprios dados, compreendendo os parâmetros de segurança e as opções para apresentar objeções. É importante educar a si mesmo e aos outros sobre o uso consciente da IA e, nesse contexto, proteger a própria imagem (fotos e gravações de áudio), o rosto e a voz para evitar que sejam usados para criar conteúdo e comportamentos prejudiciais, como fraudes digitais, cyberbullying e *deepfakes*, que violam a privacidade e a intimidade dos indivíduos sem o seu consentimento. Assim como a Revolução Industrial exigiu alfabetização básica para que as pessoas pudessem responder às novidades, a Revolução Digital exige alfabetização digital (juntamente com humanidades e formação cultural) para entendermos como os algoritmos moldam nossa percepção da realidade, como os vieses da IA funcionam, quais mecanismos determinam qual conteúdo aparece em nossos fluxos de informação (*feeds*) e quais são as premissas e os modelos econômicos de uma economia baseada em IA — e como eles podem mudar.

Precisamos do rosto e da voz para redefinir a pessoa. Devemos salvaguardar o dom da comunicação como a verdade humana mais profunda, para a qual toda inovação tecnológica deve ser direcionada.

Ao apresentar estas reflexões, agradeço a todos os que trabalham para alcançar os objetivos aqui delineados e abençoo de todo o coração todos os que trabalham para o bem comum através dos meios de comunicação.

Do Vaticano, 24 de janeiro de 2026, na festa de São Francisco de Sales.

LEÃO PP. XIV

[1] O fato de o homem ter sido criado à imagem de Deus significa que, desde o momento da sua criação, ele foi marcado com um caráter real. Deus é amor e a fonte do amor: o divino Criador também inscreveu este traço no nosso semblante, para que, através do amor – um reflexo do amor de Deus – o homem pudesse reconhecer e manifestar a dignidade da sua natureza e a sua semelhança com o seu Criador. Cf. São Gregório de Nissa, *De opificio hominis*, PG 44, 137: *Sobre a Criação do Homem*, Introdução, trad., notas Marta Przystychowska, Cracóvia 2006, pp. 58, 60.

Copyright © Dicastério para a Comunicação - Libreria Editrice Vaticana



SANTA Sé

[PERGUNTAS FREQUENTES](#) [NOTAS LEGAIS](#) [POLÍTICA DE COOKIES](#) [POLÍTIC](#)